



Once Upon a Time: A Desconstrução de Arquétipos e o Papel da Personagem Feminina¹

Amanda Felix de Lima SOUZA²

Annelsina TRIGUEIRO³

Maria Jéssica SALES⁴

Ramila Ramalho SANTOS⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Este trabalho busca analisar a desconstrução de arquétipos na série norte-americana *Once Upon a Time*, identificando aqui as semelhanças e diferenças entre o produto audiovisual, os contos dos irmãos Grimm e as famosas adaptações da Disney.

Outro ponto a ser analisado é o papel marcante da personagem feminina na série, que deixa seu lado indefeso para protagonizar sua própria história, independentemente do estereótipo masculino. Autores como Jacques Derrida, Carl Jung e Diana e Mário Corso, nos ajudarão no aprofundamento da análise. Ao final do estudo, observaremos o impacto dessa desconstrução sobre os personagens e enredo.

PALAVRAS-CHAVE: ficção; desconstrução; arquétipo; personagem feminina.

1 APRESENTAÇÃO

Once Upon a Time é uma série norte-americana exibida nos Estados Unidos pela ABC desde outubro de 2011. No Brasil, transmitida pela Rede Record, desde fevereiro de 2014. A obra de drama e fantasia retrata os contos de fada exibidos pela Disney por uma ótica peculiar. Segundo seus escritores, Adam Horowitz e Edward Kitsis, o diferencial da série é contar histórias por trás dos contos. Esse modo de contar desconstrói ideias que trazemos desde a infância, mas que surpreendentemente continuam a nos atrair.

Essa desconstrução profunda dos arquétipos nos atraiu para o estudo, mas antes de dar início a análise é necessário explicar tais conceitos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFPB, email: amanda_felix_1@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora de Comunicação Social- Jornalismo da UFPB, email: netatrigueiro@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFPB, email: salesmarij@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo da UFPB, email: ramila_rmlh@live.com



O conceito de arquétipos surgiu em 1919, através do psicanalista suíço Carl Jung, que em seus estudos considerou arquétipos como imagens primordiais originadas de uma reprodução contínua de experiências ancestrais do homem, armazenadas no inconsciente coletivo.

Para Carl Jung(2000) os arquétipos não possuem forma fixa, são elementos inabaláveis do inconsciente, mas em constante mutação. Alguns deles foram esclarecidos por Jung da seguinte forma: Anima – é o arquétipo que personifica as características femininas existentes no homem, sentimentos, intuições, capacidade de amar; Animus – é a personificação das características masculinas existentes na mulher, força física iniciativa e capacidade de planejamento; Sombra – é parte animalesca da personalidade, que contem desejos obscuros que preferimos não confrontar.

A busca do homem pela sua completude através da junção do consciente com os conteúdos inconscientes resulta na função transcendental, que o leva a crer na possibilidade de alcance da completa realização do ser.

Essa função transcendental, segundo o *Dicionário Junguiano* (1998, p. 435):

É refletida pelos arquétipos, que são representados em sonhos, narrativas mitológicas ou contos de fadas, através de imagens arquetípicas, revelando, assim, símbolos com função de transcender, isto é, expressar superação, ultrapassagem e travessia. A função de transcender resulta da união dos conteúdos consciente e inconscientes, lançando uma ponte sobre a brecha existente entre eles, levando o indivíduo a ultrapassar as interpretações já dadas em relação a si próprio e ao mundo.

Outro conceito primordial para a construção desse trabalho é o de Desconstrução. Criado nos anos 60 pelo filósofo francês Jacques Derrida; é considerada a corrente mais criativa do Pós-estruturalismo, de análise filosófica e literária. Essa teoria permite que seja realizada uma desmontagem na estrutura do significado primitivo da ideia, o que possibilita um processo de abertura do texto e da linguagem que serve como uma prática narrativa, uma vez que a palavra é reelaborada.

Derrida classifica as palavras como incapazes de expressar por total aquilo que representam. Por serem mutáveis seus conceitos são incompletos.



Jacques Derrida (2013, p. 188) ainda afirma que:

Um texto não é um texto, além do que se esconde, à primeira vista, como a lei da sua composição e a regra do seu jogo. Por isso refere-se, com frequência, às desconstruções em vez de descrevê-la como pensamento único.

A Desconstrução impulsiona a criação de novos conceitos e observa ao invés de dar significado os seus efeitos. A desconstrução pode ser aplicada a qualquer atividade inventiva do homem.

De acordo com Jaques Derrida (2013) a desconstrução é um acontecimento necessário e inevitável. Esse acontecimento serve de abertura para a leitura e é livre de qualquer método. Sendo assim, não pode ser considerada interpretação. Derrida ainda afirma que desconstrução é uma leitura que produz uma realidade mais real, ou seja, uma hiper realidade.

É com base nas correntes expostas, que analisaremos a desconstrução de arquétipos e o papel da figura feminina em *Once Upon a Time*. Para essa análise foram escolhidas as seguintes personagens: *Snow White* – Branca de Neve, *Red* – Chapeuzinho Vermelho, *The Evil Queen* – A Rainha Má.

2 O PAPEL INDIVIDUAL E COLETIVO DAS PERSONAGENS E A PROPORÇÃO DE FORÇAS EM RELAÇÃO AOS CLÁSSICOS INFANTIS

2.1 A CAPA VERMELHA

EPISÓDIO 15, TEMPORADA 1

Em A Capa Vermelha, Chapeuzinho Vermelho (interpretada por Meghan Ory) ganhou duas releituras. A personagem aparece simultaneamente no mundo dos contos de fadas e na cidade de Storybrooke.

2.1.1 CHAPEUZINHO

A versão de Edward Kitsis e Adam Horowitz que mais se assemelha ao clássico infantil, traz Chapeuzinho Vermelho como uma jovem apaixonada que planeja fugir com o seu amado. Sendo impossível viver esse romance em seu vilarejo, que está sendo assombrado por ataques noturnos de um Lobo. Sua avó, uma senhora

atormentada pelo medo, vive aprisionada em sua casa. Chapeuzinho, como é conhecida nos arredores, é obrigada a vestir uma capa vermelha, pois, segundo a Vovó, a cor vermelha repele o animal feroz.

Embora romântica e sonhadora, Chapeuzinho demonstra uma personalidade inquieta e inconformada, que almeja fugir do controle da avó e construir a sua própria história. Em outra cena, identificamos também a coragem da personagem, quando insiste com a avó para se juntar ao grupo de homens que sairiam para caçar o lobo. "Espero que matem o lobo, aí poderemos viver de novo", ela resmunga para a anciã nessa passagem, logo após ser proibida de sair. Tendo a primeira tentativa de eliminar o lobo frustrada, Chapeuzinho não desiste. A jovem decide, por ela mesma, partir a procura do animal selvagem.

O papel coletivo da personagem na série é evidenciado quando fica em sua responsabilidade o extermínio do vilão, desempenhando assim o papel de heroína da história. Com inteligência e perspicácia, Chapeuzinho segue os rastros do animal e, numa virada de expectativas, descobrimos ser ela mesma o Lobo, quando tragicamente devora o rapaz por quem é apaixonada.

Surpreendentemente, os criadores da série fizeram caber na mesma personagem os papéis de mocinha e algoz, desconstruindo a ideia pré-estabelecida de que a protagonista mulher deve ser sempre a vítima indefesa de algum ser cruel.

2.1.2 RUBY

A contraparte de Chapeuzinho chama-se Ruby, que mora na cidade fictícia Storybrooke, no Maine. Ruby é uma jovem rebelde que trabalha no restaurante da avó. Em sua primeira aparição, a garota conversa animadamente com um homem, que diz ser um viajante. Incomodada com a conversa, a avó da garçonete a repreende. Ruby se revolta e a enfrenta. "Você quer que eu haja como você até virar você. Eu não pedi para trabalhar aqui. Eu me demito", despeja a jovem, saindo do recinto.

Com autoestima baixa, Ruby acredita não ter habilidades, até que encontra a xerife Emma e passa a auxiliá-la em suas atividades. A personagem alterna momentos de altivez, como a que deixa o emprego que não lhe satisfaz, e insegurança, como quando é envolvida em uma investigação na floresta e repete várias vezes que não deveria estar ali, pois iria estragar tudo.



A trama faz uma ligação direta com Chapeuzinho, aquela que é o Lobo. Ruby surpreende a todos com seu faro, quando encontra um homem desacordado na floresta e acha um coração humano dentro de um baú. Este é o papel coletivo da personagem na série, ajudando com suas habilidades a desvendar os mistérios do enredo principal.

A vaidade de Ruby também é destaque. Ela exibe uma maquiagem forte, cílios postiços e roupas sensuais. A garota de Storybrooke não usa capa vermelha, mas a cor sempre está presente em lenços no pescoço, batom, roupas, enfeites e no próprio cabelo. A beleza da jovem atrai os homens da cidade, como foi mostrado em uma cena onde Ruby é abordada por um homem e a xerife interrompe, perguntando se está tudo bem. Ruby se mostra autossuficiente, respondendo que quando não puder lidar com cantada, sairá da cidade.

2.2 O CAVALARIÇO

EPISÓDIO 18, TEMPORADA 1

Nesse episódio, conhecemos as motivações de Regina (interpretada por Lana Parrilla) através da reconstrução do seu passado. A personagem clássica da bruxa dos contos de fada foi remodelada para incorporar a Rainha Má e sua contraparte, a prefeita Regina Mills.

2.2.1 A RAINHA MÁ

Oprimida desde sempre por sua mãe, uma mulher manipuladora e ambiciosa, conhecemos nesse capítulo uma Regina diferente, que consegue ser doce e apaixonada. Certo dia, ao conversar com o seu amado, o jovem Daniel, um homem humilde que limpava estábulos, ouve o pedido de socorro de uma garota montada em um cavalo desgovernado. Regina salva a vida da menina que vinha a ser Branca de Neve, filha do Rei Leopold. Este, viúvo, logo se encanta com o ato e pede em casamento aquela que salvou sua filha. Regina que não queria o casamento, pede para que Branca de Neve não revele o seu envolvimento com o plebeu, pois planejara fugir com ele. Mas em um ato que parecia inocente, Branca de Neve acaba contando tudo para a mãe de Regina, que mata o homem e impede a fuga. Após sua perda, Regina acaba aceitando seu destino e se casa com o Rei Leopold, passando a odiar Branca de Neve, e prevendo uma futura vingança.



Agora, madrastra de Branca de Neve, Regina aprende magia e se torna a Rainha Má, uma mulher amargurada e rancorosa. Personagem principal e a grande vilã da série, está determinada a se vingar de todos os habitantes da Terra dos Contos de Fadas, impedindo que eles consigam seus finais felizes. Sua determinação em conseguir seus objetivos é tanta, que se torna capaz de matar seu próprio pai para que sua maldição seja consumada.

Desde então sem motivação declarada, o décimo oitavo capítulo vem trazer as raízes da personalidade maldosa de Regina. Por trás de tanta perversidade, existe outra figura feminina, sua mãe, uma mulher insubordinada, porém reprodutora de valores patriarcalistas.

Vestindo sempre calças de montaria e usando o cabelo preso, Regina demonstrava características de uma mulher à frente de sua época, mas faltava-lhe coragem para enfrentar a mãe, uma mulher forte como ela, mas com experiência em manipulação. Acaba por não conseguir superar o exemplo materno e torna-se má como a matriarca. O papel da personagem na série é fundamental, sendo suas atitudes com a filha o ponto de partida para todo o desenvolvimento da história principal. É a Rainha Má quem interfere no coletivo e está diretamente envolvida na trama individual de todos os personagens da série.

2.2.2 REGINA MILLS

Regina Mills, uma das personagens principais de *Once Upon a Time*, é a prefeita de *Storybrooke* e mãe adotiva de Henry. Apesar de ser uma mulher arrogante e persuasiva, Regina finge ser calma e justa, porém esse disfarce é quebrado sempre que o lado maldoso e tempestuoso da Rainha Má se mostra em sua personalidade de prefeita.

Desde que adotou Henry sozinha, a prefeita vem sendo uma mãe cuidadosa, mas centralizadora. Contrapondo o papel de mãe, o seu lado independente também é mostrado, seja quando Regina se encontra com o amante ou quando toma decisões que lhe cabem como prefeita.

No capítulo analisado, a cena em que Mary chora desesperadamente por estar sendo condenada por um crime que não cometeu e pede desculpas à prefeita por qualquer que tenha sido o erro cometido, chama atenção a frieza de Regina, que sorri



diante da prisioneira e ainda afirma ter conhecimento da injustiça, mas que não se incomoda, pois ela merece e que "esse será o seu final feliz", mesma frase usada pela mãe da Rainha Má quando matou o lavador de estábulos.

2.3 A FILHA DO MOLEIRO

EPISÓDIO 16, TEMPORADA 2

Snow White é a Branca de Neve (interpretada por Ginnifer Goodwin) dos contos de fadas de *Once Upon a Time*, e sua contraparte chama-se Mary Margaret Blanchard, uma amável professora de ensino primário em Storybrooke. No episódio estudado, vemos como Mary articula o fim de Cora, mãe da Rainha Má, uma mulher sem emoções que afligiu Branca de Neve e continua presente em sua atual história.

2.2.1 BRANCA DE NEVE

Filha única de um rei, Snow White é órfã por parte de mãe e logo na infância cruza com Regina, que salva a sua vida e casa-se com o seu pai, tornando-se rainha. Vítima do ódio da madrasta, Branca de Neve é o alvo principal da algoz, que lança uma maldição em seu casamento com o Príncipe Encantado.

A personagem é uma mulher destemida e de iniciativa. Quando a Rainha Má invade o seu casamento, chama atenção a reação de Snow, que não se curva, chegando a empunhar a espada de seu príncipe para ameaçar a Rainha. Nos primeiros episódios da série, a princesa mostra toda a sua bravura acertando o príncipe com uma pedra e saindo em fuga utilizando um cavalo. Não é comum uma princesa ser retratada em cenas de ação ou fazendo uso de armamentos.

O papel de Snow na Terra dos Contos de Fadas é definido logo no início da trama, quando por conta do ódio que a Rainha Má sente por ela, todos os personagens de contos de fadas são condenados a uma maldição.

2.2.2 MARY MARGARET BLANCHARD

Enquanto Branca de Neve é livre no mundo de conto de fadas, Mary Margaret é presa em Storybrooke. A professora é a representação do que a Rainha Má desejou no



casamento de Branca de Neve. Uma mulher solitária, insegura e despreziosa. Impossibilitada de ser a sua própria família, Mary cuida dos filhos alheios. Entretanto, a personagem tem esperanças de que um dia tudo será diferente.

Em *A Filha do Moleiro*, Mary Margaret está disposta a defender a família que descobre fazer parte. Cora, a mãe da Rainha Má, os ameaça e ouvimos da personagem, que antes era uma professora inofensiva, o seguinte raciocínio "Dessa vez vamos acabar com ela. Ela precisa morrer". O pai de Mary, David Nolan, fica contrariado e diz que esse tipo de atitude não condiz com uma mulher de coração tão puro.

Once Upon a Time traz figuras femininas fortes, capazes de chamarem para si grandes responsabilidades. Sendo assim, Mary Margaret não foge à regra. A contraparte de Branca de Neve deixa silenciosamente o ambiente de luta que se sucede com a chegada de Cora e Regina, e vai atrás de uma solução eficaz para o fim do perigo.

Numa jogada artilosa, Mary enfrenta sua grande rival Regina e, fazendo uma inversão de papéis já vista em outros momentos da série, a mocinha arma uma cilada para a vilã, que é enganada. O resultado é a morte de Cora provocada por uma ação ingênua da própria filha. Mais uma vez, a série inverte e mistura os papéis de mocinhos e carrascos, mostrando que não existe um só lado em cada personagem. De qualquer forma, Mary conseguiu eliminar alguém que colocava em risco os seus entes, desempenhando a qualidade de heroína como o seu próprio papel sugere desde o princípio.

3 A CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE ARQUÉTIPOS

Como vimos em Cauduro e Rahde (2005), os sentidos que atribuímos estão cada vez mais ligados à representação feita pelos meios de comunicação, uma nova cultura de imagem é divulgada e entre os seus valores estão a releitura e a participação do espectador na produção de sentido.

Esse novo modo de pensar é influenciado pelo pós modernismo, que busca a religação entre razão e imaginação. A retomada dos contos de fada em forma de releitura na mídia é um exemplo disso. *Once Upon a Time* traz os contos de fadas retratados de uma maneira não convencional e aqui iremos descrever a desconstrução de arquétipos em determinadas personagens da série.



3.1 CHAPEUZINHO VERMELHO

A primeira versão impressa de Chapeuzinho Vermelho foi escrita pelo francês Charles Perrault, no século XVII. A obra alertava sobre o perigo que um estranho poderia representar a uma donzela. Mais tarde, a adaptação dos irmãos Grimm trouxe um final feliz à história, que só atingiu o seu verdadeiro auge após a adaptação da *Disney*.

Diversos signos são encontrados no conto dos irmãos Grimm, a exemplo a distância entre a casa da mãe e a casa da avó, que seria como o caminho que Chapeuzinho seguiria até alcançar a maturidade. Outro símbolo marcante é a capa vermelha que lhe é dada pela avó, que pode simbolizar a responsabilidade, iniciação ou uma metáfora da menstruação. A comida que a garota leva na cesta simbolizaria a fertilidade, e o lobo, a força do mal, o medo. A cena em que Chapeuzinho é engolida pelo Lobo pode ser interpretada como um rito de passagem, sendo o momento em que estava dentro do animal a representação da noite ou a morte, e quando liberta, a aurora ou o renascimento.

O arquétipo principal do conto está na figura do caçador, uma vez que ele representa o Animus da garota, sua chegada definitiva à maturidade. Segundo o psicanalista Carl (2000), o Animus é a personificação das tendências masculinas no inconsciente feminino, como a força física ou a capacidade de planejamento.

De forma geral, o conto transmite a ideia de que Chapeuzinho é uma moça ingênua em fase de transição, e que apesar do medo inicial da jornada, está disposta a lutar por sua liberdade.

3.1.1 EM ONCE UPON A TIME

Analisando o modo que a história de Chapeuzinho Vermelho foi representada na série, percebemos poucos símbolos em comum com o conto original (a avó e a capa vermelha). Todo o resto sofreu desconstrução, a exemplo da mãe de Chapeuzinho, que não é mencionada. Chapeuzinho mora com sua avó nas suas duas versões.

Chapeuzinho não é representada por uma criança ou adolescente, assemelhando-se mais ao conto de Perrault do que a adaptação dos Grimm ou da *Disney*. Apesar do medo inicial, a personagem não desiste de seus objetivos, dispensando a



figura do caçador. Se o arquétipo do Animus no conto tradicional era representado pelo caçador, na série ele está exposto no papel da própria Chapeuzinho.

Além de absorver a figura do caçador de forma implícita, no campo explícito a moça de capa vermelha ainda absorve a figura do lobo, reforçando assim a ideia de dualidade existente no ser humano, o Bem e o Mal juntos no mesmo ser. Concluindo a análise de Chapeuzinho, pode-se observar também que na adaptação dos irmãos Grimm, a jornada da heroína era rumo à maturidade, em contra partida, na série, a jornada de Chapeuzinho segue rumo à liberdade e a aceitação.

3.2 BRANCA DE NEVE

Publicado originalmente na Alemanha, o conto de fadas “Branca de Neve e os sete anões”, foi baseado em uma princesa do século XVI, Margarete Von Waldeck. Famosa por sua beleza tinha uma madrasta chamada, Katharina Von Hatzfeld. O futuro rei da Espanha, Felipe II, decidiu casar-se com Margarete, mas antes que conseguisse, ela morreu envenenada. O casamento entre Felipe e Margarete escondia muitos interesses e se acredita alguém- não sua madrasta como contam as histórias infantis- que não queria essa união tenha o feito.

Muitas são as diferenças entre as versões que foram criadas para o conto, a mais conhecida delas continua sendo a dos irmãos Grimm, que suaviza de certa forma a história real, sendo reescrita e publicada entre os anos de 1812 e 1822, em um livro de fábulas. Outra versão famosa é a doce animação “Branca de Neve e os sete anões”, o primeiro longa metragem de Walt Disney, de 1937.

Nessa versão a Branca de Neve seria uma doce e ingênua menina que foge de seu castelo para evitar que a rainha, sua madrasta, concretize seus planos de mata-la.

3.2.1 EM ONCE UPON A TIME

Levando a história da Branca de Neve à série, percebemos como principais diferenças a transição de garota frágil e inocente para aquela que pode se defender. Se na história original o príncipe surge como o herói, capaz de salvá-la de toda e qualquer ameaça, na série, a mocinha acaba conseguindo se defender sozinha, negando ajuda para tal, e inclusive chega por diversas vezes salvar o príncipe da morte.



Como uma das características principais da série, descarta-se a ideia de uma mocinha total, assim como a de vilã total. Oposto aos livros e filmes da Branca de Neve, onde sua alma pura é incapaz de atingir ou machucar alguém, vemos um episódio marcado por um ato de maldade executado pela própria Branca, que mataria a mãe de Regina, e conseguiria um pouco de maldade em coração. Não sendo mais totalmente puro como antes, ou como imaginávamos que seria para sempre a Branca, deixando sua doçura e ingenuidade de lado.

Preservando a característica de “Final Feliz” dos contos, Branca de Neve após encontrar seu príncipe mantém sua busca por esse final, sempre salvando tudo com um verdadeiro beijo de amor, presente em tantos livros.

3.3 RAINHA MÁ

Sendo antagonista e ao mesmo tempo complementar a figura da Rainha Má nos contos clássicos, alimenta o ódio e a inveja por sua enteada, que segundo seu espelho mágico, seria a mais bonita do reino, fato que a desagradava profundamente.

Interpretada como sombra, a Rainha Má seria parte da personalidade da própria Branca de Neve que prefere não encarar seus medos de frente. O caçador mandado pela rainha para matá-la, assume nesse caso o papel de Anima, ele seria a personificação das tendências femininas, vide a pena que sentiu ao matar a princesa. Além de sombra, a rainha assume ainda papel de Animus, observando os planos que utiliza para acabar com sua enteada. Já o príncipe, seria o arquétipo de transcendência, já que ele permite, através de um beijo, que Branca retorne a vida.

3.3.1 EM ONCE UPON A TIME

Desconstruindo quase que totalmente o papel de Rainha Má, a prefeita Regina aparece não apenas como vilã e alheia a sentimentos. Apesar de ter lançado a maldição que os afasta de seu mundo e querer com isso acabar com o “Final Feliz” da Branca de Neve ao lado de seu príncipe, percebemos na série que esse é apenas um lado da personagem.



Como uma princesa clássica, Regina era doce e sensível. Chegava inclusive a ceder e obedecer a caprichos egoístas de sua mãe, que a queria como rainha a todo custo. Esta por sua vez, alimentando sua ambição cria situações pertinentes para que o rei entre na vida de sua filha, e assim se apaixone para depois casarem. É a partir daí que Branca, ainda criança, como nos primeiros contos, cruza o caminho de Regina pela primeira vez, e acaba sendo salva pela própria. Começa assim uma boa relação, diferente dos livros que nunca deixaram claros se quer algum tipo de relação de proximidade das duas.

Se nos clássicos o ódio da rainha é justificado pela beleza de Branca de Neve, na série, a vingança é resultado de um ato inocente da princesa- o de contar sobre o verdadeiro amor de Regina para a mãe dela- destruindo assim, a felicidade de Regina que passa a persegui-la incansavelmente.

Contrariando os livros e filmes, o seriado apresenta uma Regina capaz de recuar por muitas vezes em sua vingança, capaz ainda, de amolecer no que se refere a seu filho adotivo Henry, e mostrando que sua alma podia ser pura e maldosa. Diferente do que se esperava Regina foi sempre vítima de sua mãe, e incapaz de enfrenta-la e desaponta-la. Mesmo depois de se tornar a Rainha Má, Regina foi capaz ainda de enfrentar todos, menos sua mãe.

4 A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA SÉRIE

Apesar de ainda trazerem delicadeza, em *Once Upon a Time* as princesas ganharam mais personalidade e maior destaque, pois estão no comando dos contos de fada. Num segundo momento da série, representam mulheres reais, fortes, que não aceitam submissão e são donas do seu próprio destino.

Os autores Corso e Corso (2011) denominam esse novo estilo de conto de fadas como intimista, onde "o novo herói não pode ser mais a figura plana e simplificada de outrora, não há mais lugar para a estreiteza maniqueísta, mesmo nas histórias voltadas para os menores". Ou seja, nos contos de fadas modernos, como *Once Upon a Time*, mostrar as fraquezas e defeitos dos personagens faz com que possam ter um sentimento maior de identificação com a nossa realidade e subjetividade.



Nesse momento é mais possível perceber a desconstrução proposta pelos autores da série, pois as princesas pararam de ser tratadas como moças tolas que tinham como missão de vida encontrar o príncipe encantado e ser feliz para sempre. A mulher ganha importância na série por não ter mais uma personalidade unilateral, pois a mesma Branca de Neve que é independente e corajosa ainda é uma moça romântica, que deseja ter uma vida alegre ao lado do seu príncipe.

Essa humanização das personagens é um fator de extrema importância e que enriquece a série, onde até a Rainha Má, que aterroriza as princesas da Floresta Encantada nos mostra que pode ser uma mulher sensível, que não se tornou má por escolha própria, mas tornou-se assim devido aos acontecimentos de sua vida. Prova dessa sensibilidade é o amor que a personagem nutre por Henry, seu filho adotivo. Regina é uma mãe devota e ao longo da série faz de tudo para proteger a criança.

Chapeuzinho Vermelho é o exemplo perfeito da multidimensionalidade das personagens. Antes caracterizada como a menina que desobedeceu a mãe e foi pelo caminho errado para a casa de sua avó, e posteriormente atacada pelo lobo, passa a ser ela a mocinha e o próprio lobo mau, desconstruindo a ideia de Bem e Mal.

O fato de que todas as princesas confrontam a Rainha Má é outra demonstração de que a submissão que existia, ficou realmente no passado. As princesas pós-modernas desceram do salto e começaram a brigar por sua liberdade e das pessoas que amam. Um dos maiores exemplos dessa quebra acontece quando a Branca de Neve se torna capaz de articular a morte da mãe da Rainha Má, como foi visto no capítulo analisado. Apesar de ainda terem a noção de certo e errado, as princesas são capazes de romper esses limites como forma de defesa.

Além das personagens descritas, os autores da série criaram outra figura feminina importante, a filha da Branca de Neve, Emma, que chega à cidade de *Storybrooke* totalmente incrédula sobre a real existência de magia. Emma é uma caçadora de recompensas em Boston, que acabou deixando seu filho Henry para adoção. Depois que Henry finalmente consegue provar para sua mãe, Emma, que os habitantes de *Storybrooke* são realmente personagens dos contos de fada, e que ela é a única que pode quebrar a maldição, Emma passa a ter papel fundamental na trama. É ela que luta contra a Rainha Má para conquistar a liberdade dos demais personagens.

Podemos perceber que nas novas releituras dos contos de fada, os personagens nos são apresentados de uma forma mais complexa e com outras problemáticas. A rede de mistério e ação proposta por *Once Upon a Time* torna os contos de fada mais intrigantes, conquistando assim um público maduro, onde se assiste a uma nova versão



de mocinhos e vilões, fazendo com que construamos um novo olhar sobre eles.

5 REFERÊNCIAS

GIL, Viviane Dexheimer. **A ponte Invisível: O arquétipo de transcendência em narrativas infantis sobre contos de fadas**. Rio Grande do Sul, 2007.

CARL, G Jung. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, Paulo Fabrício dos Reis. **A metáfora do teatro e o impacto social: Dias Gomes e a desconstrução do arquétipo do herói**. Bahia: Feira de Santana, Ed da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010. N. 0, p. 85 – 89.

MENESES, Ramiro Délio B. de. **A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é estratégia**. Colômbia: Universitas Philosophica, 2013. p 177–204.

RIBEIRO, Flavia Nizia da Fonseca. **Internet e Imagem: Representações de jovens universitários**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2008. p 28–56.

PICCININ, Fabiana; HIRSCH, Katiele Naiara. **Imagens contemporâneas e contos de fadas: Uma análise do herói em Once Upon a Time**. Disponível em <http://www.ufjf.br/darandina/files/2013/01/artigo_fabiana.pdf>. Acesso em: 26 de julho

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mario. **Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

CAUDURO, Flávio Vinícius e RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Algumas características das imagens contemporâneas**. Revista Fronteiras- estudos midiáticos, 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6392>>. Acesso em: 30 de maio